

Novos anfíbios nas bromélias da Mata Atlântica

Categories : [Notícias](#)

Quatro novas espécies de anfíbios foram descritas na Mata Atlântica, no início de dezembro, por pesquisadores brasileiros. Todas elas, pequenas e que dependem da água da chuva acumulada em bromélias para sobreviver. Três pertencem ao mesmo gênero e vivem em áreas altas, em Santa Catarina. A outra é das montanhas do Espírito Santo.

As novas espécies catarinenses chamam a atenção por serem venenosas. São sapinhos do gênero *Melanophrynniscus* e endêmicos do alto de montanhas de Santa Catarina. Foram encontrados em campos no alto da Serra do Quiriri e em florestas no alto da Serra Queimada e nos Morros do Baú e do Cachorro, entre as cidades de Garuva e Blumenau.

Eles medem entre 1 e 2,5 centímetros, possuem a pele escura com verrugas e vivem em grandes altitudes, em meio às bromélias. As descrições do *Melanophrynniscus biancae*, *M. milanoi* e *M. xanthostomus* foram publicadas no início do mês, na edição de 2 de dezembro na [publicação científica de acesso livre PloS One](#) por pesquisadores do Instituto Mater Natura, Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

O *M. xanthostomus* foi batizado devido a cor peculiar que carrega na boca, amarela (*xanthos*). As outras espécies homenageiam Bianca L. Reinert e [Miguel S. Milano](#) pela contribuição de ambos à conservação da natureza no Brasil. Milano é fundador e conselheiro de ((o))eco. Entre os alimentos dessas espécies estão ácaros e formigas, que liberam substâncias químicas que acumuladas na pele tornam os sapinhos venenosos, uma defesa contra predadores, principalmente cobras.

Clique nas imagens para ampliá-las

A exemplo de outros anfíbios, os recém-descobertos são altamente sensíveis às mudanças climáticas. Além disso, são espécies vulneráveis aos impactos da ação humana, como desmatamentos, queimadas, monoculturas e mineração. Os pesquisadores propõem que o *M. biancae* seja incluído na lista de espécies ameaçadas e classificada como “em perigo” de extinção.

“O mais notável das espécies descobertas é que elas vivem em água acumulada pela chuva na base das folhas de bromélias terrestres, enquanto que as demais espécies reproduzem em córregos e em poças”, disse o biólogo Marcos R. Bornschein, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A pesquisa foi apoiada pela Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, que apoia a pesquisa desse projeto. Entre 2013 e 2015, esse mesmo projeto propiciou a descoberta de oito novas espécies de mini sapinhos de outro gênero, *Brachycephalus*.

Espírito Santo

A perereca *Dendropsophus bromeliaceus*, recém-descrita na Mata Atlântica, é a primeira do gênero descrita no Brasil que se reproduz e passa o estágio de girino na água acumulada em bromélias. A descrição foi publicada pela equipe liderada por Rodrigo Ferreira, da Universidade de Vila Velha, no dia 9 de dezembro, [também no jornal científico Plos One](#).

Essa espécie foi encontrada nas montanhas próximas a cidade de Santa Teresa (ES), a cerca de 80 quilômetros a nordeste de Vitória, capital do Estado. Para determinar que se tratava de uma nova espécie, foram comparadas dados moleculares de outros anfíbios, além da morfologia de 96 outras espécies de anfíbios. A fêmea da *D. bromeliaceus* mede aproximadamente 2,2 centímetros. Os machos são menores, com 1,6 centímetros. A espécie possui um padrão de listas nas costas e membranas entre o 4º e 5º dedos.

Leia também

[Nova espécie de mini sapo é descoberta e já está ameaçada](#)

[Um céu de sapinhos minúsculos e coloridos na Mata Atlântica](#)

[Sapos ajudam a explicar biodiversidade do cerrado](#)

